

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE HISTÓRIA ECONÓMICA E SOCIAL

Revista Portuguesa de História

TOMO XVII

HOMENAGEM AO DOUTOR TORQUATO DE SOUSA SOARES

II



COIMBRA/1977

O BRASIL: EVOLUÇÃO SINGULAR NO IMPÉRIO PORTUGUÊS

Brasil e Angola: a comparação acode ao espirito, desenvolvida noutro lugar. Estas notas e reflexões, com base na história e, mais ainda, na observação, entram num confronto que o colapso de Angola portuguesa, serenamente examinado a uns anos de distância, não tornará descabido. Procuram-se, para além de analogias superficiais, linhas divergentes de uma evolução que talvez se compreenda melhor encarando-as comparativamente. Dedicam-se estas páginas a um distinto medievista a quem o Brasil não é estranho, pois aí ensinou e tocou uma história próxima da terra, marcando ao mesmo tempo unidade nacional e diversidades regionais. A nossa velha amizade perdoará que lhe ofereça tão pouco.

ACHAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

Procuraram os Portugueses uma alternativa para Angola com a intencionalidade do descobrimento e a prioridade do achamento português da terra de Vera Cruz? Controvérsia que se arrasta há meio século, complexo de circunstâncias que, isoladas, pouco provam e, tomadas em conjunto, fazem crer na tese da descoberta intencional. O argumento decisivo (se o há) é a proposta do desvio do meridiano de Tordesilhas para Oeste, na previsão de encontro, não de mares inúteis, mas de terras em cuja ocupação Espanhóis e Portugueses iriam participar, criando não raro irritantes problemas de fronteiras. Terras vazias, onde os Franceses iniciam alianças com o gentio e guerra de corso, o que levou D. João III a promover uma ocupação teórica, aqui e ali efectiva, dividindo o litoral em 15 capitanias hereditárias (1534), criando depois um governo geral (1549), embora apenas nas capitanias de Pernambuco e de São Vicente se fixassem núcleos importantes de povoamento e de expansão. Fundaram-se sucessivamente o governo geral na Bahia e regional no Rio de Janeiro (1576, vice-

-reinado em 1763) depois de expulsos os Franceses e Holandeses deste Recôncavo que ministrava inúmeros refúgios. Em 1552 criou-se o bispado das novas conquistas, poucos anos depois inicia-se a catequese com frades de várias ordens, avultando os Jesuítas, tão do agrado do rei.

Estes primeiros estabelecimentos requerem comentário. Se a Bahia, com seu Recôncavo de águas interiores, se avantajou à posição de Pernambuco, a mais próxima da Europa e com a cidade protegida por um recife natural (donde lhe veio o nome), Rio de Janeiro, embora domine outro Recôncavo, fica longe de mais da navegação africana e São Sebastião parece uma colónia independente, fundando nas bases do seu isolamento os motivos da prosperidade.

Este primeiro século marca diferenças fundamentais entre Angola e o Brasil. Aqui introduz-se, embora com mão de obra escrava, a cultura da cana-de-açúcar, que já havia feito a fortuna e o prestígio das Ilhas Atlânticas e das Caraíbas. O proselitismo parece mais fundo que no Congo, onde o importante era adquirir escravos principalmente destinados àquelas ilhas (só subsidiariamente às áreas canavieiras do litoral do Brasil). Domina-se um reino interior, enquanto os Portugueses no Brasil ficarão, durante séculos, «como caranguejos arranhando a costa». Fundam-se cidades e organiza-se um governo geral, enquanto o litoral de Angola permanecerá abandonado (fundação tardia de Luanda em 1575).

CANA-DE-AÇÚCAR E GADO

À recolecção (pau-brasil, algodão e escravos) segue-se a lavoura de cana para o que se organizam os «aldeamentos» de índios trabalhadores, sob a severa tutela eclesiástica. Dum lado pream-se escravos pretos, do outro disciplinam-se trabalhadores índios, que em breve se refugiarão nos matagais familiares, aumentando assim aquela mão de obra compelida. Entre a lavoura canavieira, evitando o pisoteio do gado e reservando-o às necessidades da agricultura, os colonos estabelecem os «currais» de gado, as «malhadas» onde descansa o rebanho e remanesce o estrume para uma cultura intensiva, sem rega, sem pousio, o «fumo» ou tabaco, misturado de culturas alimentares que, séculos depois, ainda havia de surpreender o grande geógrafo Leo Waibel, para quem a agricultura tropical ou era regada ou depredadora; para o tabaco é a terra abundantemente estrumada, acom-

panhada de urna cultura de subsistência (associação ameríndia do milho, feijão, abóbora), num primeiro ano, no solo onde permanece a fertilidade, enquanto se desenvolvem os tubérculos de mandioca (dois anos em produção), base da alimentação popular por toda a América tropical. Esta associação de uma cultura especulativa e de outra alimentar, sustenta as mais elevadas densidades rurais do Brasil (cerca de 100 habitantes por Km²), comparáveis às mais modestas da Ásia das Monções mas extremamente raras em África.

À faixa litorânea da cultura canavieira sucederá o «agreste», depois o «sertão», onde os índios, que aprenderam a não sacrificar os seus novos e grandes animais domésticos, seriam exímios na «vaqueirice», guardando enormes rebanhos com seus cavalos e burros (mulas) protegidos pelos peitorais de couro, e os homens por uma vestimenta quase completa, dos arbustos espinhosos da *caatinga*. Foi o grande historiador Capistrano de Abreu, de quem quanto mais tempo passa maior actualidade adquirem os trabalhos sobre a formação dos caminhos antigos e da grande fase que domina a civilização brasileira, quem pela primeira vez falou de uma *época do couro*, enumerando, à maneira de Gourou (que nunca o tinha lido), os bancos, as camas, as roupas, os utensílios domésticos em que aquela matéria sugeriu a forma, dominando a «vaqueirice» do século xvii aos nossos dias.

ORIGEM DOS POVOADORES

Qual a origem destes povoadores, geralmente desprovidos de mulheres e que logo de início se agradam de índias, Negras e Mestiças? Sabe-se alguma coisa das suas terras ou regiões.

Os Minhotos predominavam, saídos da pletera rural que, sem desguarnecer o campo, alimentava a emigração. Em Pernambuco tinha-se por hábito gritar «Aqui de Viana» onde outros chamariam «Aqui d'el Rei». «No Sul, entretanto, os Durienses e os Beirões concorriam em número com os Minhotos e Trasmontanos, sendo, porém, no Norte e no Sul diminuta a população de origem algarvia. O facto incontestável da predominância de imigrantes das províncias do Norte de Portugal não tem relação com a composição étnica dos seus habitantes — com um maior contingente de nórdicos, pioneiros e migradores —, mas com a circunstância da densidade populacional das referidas províncias. No Sul do Brasil, São Paulo em particular,

foram numerosos os colonos de procedência espanhola, sobretudo Sevilhanos. Em todo o país também se fixaram Flamengos, Italianos, Alemães e Ingleses, sendo exigência única para sua admissão que professassem a religião católica. Uma fracção importante de Judeus ibéricos — alguns dos quais só aparentemente cristianizados — aqui também se localizou, em particular nas zonas de comércio internacional, como era o caso então da região açucareira. Com a sua experiência de negócios e com as suas ligações com os centros capitalistas do Norte da Europa, contribuíram para a expansão da produção colonial.» (José António Gonsalves de Melo Neto) (!).

Como na Madeira e nos Açores, a empresa da colonização associa nobres e burgueses da Europa desejosos de tentar fortuna nas terras novas que se abriam à sua expansão e iniciativa.

A população ameríndia não possuía uma cultura homogênea. Os Tupis ocupavam extenso território, os missionários fizeram da sua a «língua geral», mas muitos aprenderam a nossa, praticando com entusiasmo a caça e a guerra, assim como uma agricultura rudimentar. Os grupos do interior possuíam níveis de cultura mais baixos, desconheciam a lavoura (ou deixavam-na às mulheres), a cerâmica, e não fiavam o algodão. O Mamaluco é o cruzamento frequente entre os Brancos e as atraentes mulheres ameríndias. A esse contacto étnico prestam-se, em maior escala, as mulheres pretas, todas escravas: os Pretos revelaram-se capazes de praticar cultivos alimentares e preparo de geribita ou aguardente de cana, na própria terra, que servirá de resgate a mais escravos. Este exemplo é dado pelos Ovimbundo, aprendendo a fabricar no planalto de Benguela o fumo de corda, já universalmente empregado e objecto principal com que se adquirem os escravos... da mesma raça dos que o manufacturam. Casos esclarecedores da elaboração, não americana mas africana, do «resgate» de que os próprios Pretos fabricam a «moeda», em proveito dos senhores que os venderão.

0) Um artigo do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, 1.º vol., pp. 373-332, Lisboa, 1971, necessariamente condensado, é o que de mais lúcido e sintético encontrei sobre o assunto. Daí as longas transcrições (é impossível resumir o que já está...) e também pelo apreço em que tenho este excelente e modesto historiador, em comparação com outos mais afamados e nem sempre tão perspicazes

UMA POPULAÇÃO MESTIÇA: RAÇA E CLASSE

Dáí os grandes núcleos de população negra e mestiça nas zonas canavieiras e na mineração e garimpo de Minas Gerais, processando-se a larga miscigenação do Mulato, que formou o «grosso da população brasileira». «Seria a tarefa de Tomé de Sousa e dos seus dois sucessores a conquista e ocupação do litoral atlântico e da bacia amazónica, o que requereu mais de um século. Esse empreendimento, enorme para pessoal tão reduzido, foi completado pela acção dos bandeirantes e dos criadores de gado», dotados da mobilidade que faltava aos cultivadores de cana-de-açúcar. Novos empreendimentos são levados a efeito principalmente por Portugueses, quando muito com os seus auxiliares *Mamaluco* e *Mestiços* ; o de Índio é o primeiro na posição social e o Negro ocupa o mais baixo da escala. Gilberto Freyre recolheu ainda dolorosos ecos de uma estratificação que reserva a este o ínfimo lugar:

*O Branco come na sala,
Caboclo no corredor,
O Mulato na cozinha,
O Negro no cagador.*

*O Branco bebe champanhe,
Caboclo vinho do Porto,
Mulato bebe aguardente,
O Negro mijo de porco.*

Estes versos, de que o autor realça toda a significação sociológica, mostram como nas áreas de «miscigenação» se faz a separação de raças, embora o *status* relacione situações económicas que se não-de ter em conta ao estabelecer situações relacionadas com a cor da pele e distinguem, entre os genitores, os mais finos sendo, sem dúvida, os que resultam do cruzamento de Brancos e de índias.

ALARGAMENTO DO TERRITÓRIO: AS BANDEIRAS

Durante a união das coroas de Espanha e de Portugal as tropas ibéricas lançam-se na conquista da Paraíba (1588), expulsando os intrusos franceses; fixados estes no Maranhão, onde estabeleceram a cidade de São Luís, foram por sua vez expulsos, fundando os Portugueses a cidade de Belém, na foz do Amazonas (1616). Como sugeri noutros lugares, é provável que importante estabelecimento urbano, na embocadura do maior rio do mundo e tendo em conta as riquezas potenciais da sua enorme bacia, representasse uma alternativa a favor das «drogas do sertão», quando a cobiça holandesa e inglesa, a que os Espanhóis não tinham força para se opor, ameaçou o monopólio oriental da especiaria. À fundação urbana segue-se a exploração das plantas novas, entre as quais uma que substitua a «pimenta do Reino», que cada vez chega ao Brasil mais cara e menos abundante. Em 1637 Pedro Teixeira realizou pela primeira vez a proeza de, subindo o grande rio e galgando o rebordo da Cordilheira dos Andes, alcançar Quito, no Equador (então ainda no Peru), afinal quase um século depois da famosa descida do Amazonas por Orellana (1542), feito sem igual na exploração de um grande caudal, espantosa fuga à miséria entre margens povoadas e até ricas, no meio de populações fugidças e hostis.

Da Bahia, de Sergipe e principalmente de São Paulo partiram as *bandeiras* à procura de metais e pedras preciosas.

«A necessidade de mão-de-obra escrava para a agricultura e para os trabalhos domésticos levou os Luso-brasileiros de São Paulo a ocuparem-se, durante quase todo o século xvii, da captura de índios. Os aldeamentos indígenas estabelecidos pelos Jesuítas da província do Paraguai para a obra da catequese forneceram o objectivo para essas incursões, que posteriormente se estenderam às margens do Paraná e do Uruguai. Aquelas aldeias foram arrasadas e os catecúmenos trazidos como escravos para São Paulo, para a Bahia e para o Nordeste. A obra de devassamento territorial realizada pelos bandeirantes foi gigantesca, sendo atingidos nas suas incursões territórios do Rio Grande do Sul, de Mato Grosso e mesmo da bacia amazónica. António Raposo Tavares é a figura ímpar desse movimento. Despovoadas as aldeias, os bandeirantes voltaram-se para o descobrimento de minas e pedras preciosas. Em 1693 ocorreu o achado de ouro no Caité e outros sucederam-se nesse e no século seguinte. A con-

seqüência foi a afluência de forasteiros à região aurífera; outra, foi a do nativismo paulista, que se voltou contra os que se procuravam locupletar com o resultado do seu trabalho. A busca prosseguiu em área mais larga, no sentido do noroeste, revelando-se ouro também em Mato Grosso e em Goiás. O domínio do vale amazônico e o movimento das bandeiras tinham levado a presença luso-brasileira muito além do limite fixado pelo Tratado de Tordesilhas». (J. A. Gonçalves de Meló Neto).

Tal como os Espanhóis, as explorações da «idade do ouro e diamantes» lançaram os Portugueses na caça desenfreada aos índios e na implacável transformação de catecúmenos em obreiros. Entretanto os Franceses procuravam fixar-se na *França Equinocial* (1612), os Ingleses, que começaram como comerciantes, procuram fixar-se (1580), os Holandeses ocupam todo o Nordeste (1630), dominando os centros africanos de escravaria, como a Mina e Angola (1637-1654, fim do domínio holandês no Brasil e em Angola).

«A agro-indústria do açúcar lançou os fundamentos sociais e económicos do Brasil e não só fixou o Branco à terra, como fez trazer da África o Negro como escravo. Assim, a grande propriedade rural, voltada para a produção de um só produto, utilizando a mão-de-obra escrava, deu o carácter marcante da história brasileira. Ser *senhor de engenho* de açúcar era condição a que todos aspiravam e a que não faltavam traços de senhor feudal. Era ele o chefe de um numeroso grupo de homens: os seus familiares, lavradores, oficiais dos vários serviços da fábrica, agregados e escravos. O engenho constituía uma organização completa: a casa de residência do senhor (a «casa grande»), as dependências da fábrica, a morada dos escravos (a «senzala»), a capela e, por toda a parte, o canavial. Em geral era a propriedade auto-suficiente, importando de fora apenas o que ali não se podia alcançar, além dos artigos de luxo. [Esta organização revela traços comuns com o *monte* alentejano, que significa ao mesmo tempo grande propriedade e assento de lavoura, com a clientela de *ganhões* sem terra e sem casa: organização afinal própria de uma área pouco povoada e pouco aproveitada — empreendimento de grandes senhores em largos tractos de «colonização interna». Tenreiro estudou com muita argúcia analogias entre o *monte* alentejano e as *roças* de São Tomé]. O açúcar brasileiro dominou quase sem concorrência o mercado europeu até fins do século xvii, quando a produção antilhana

lhe trouxe golpe sério. Calcula-se que só no século xvii o açúcar produziu 200 milhões de libras esterlinas, quantia que excede a de toda a produção de ouro do Brasil: isto indica a importância fundamental dessa actividade económica na história do país. Ao lado da cultura açucareira, mas de importância económica muito menor, devem ser indicadas a do tabaco, de grande utilidade no escambo de escravos na África, e a do algodão.» (J. A. Gonsalves de Melo Neto).

A MINERAÇÃO

À fase predominante agrícola e recolectora seguiu-se, culminando no século xviii, a da mineração. Ao tempo em que Antonii escreveu a *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* (1711) aquelas — açúcar e tabaco — sobrepujavam as entevistas riquezas mineiras.

«Os colonizadores portugueses do Brasil tinham, desde os primeiros anos do século xvi, procurado metais e pedras preciosas ; o resultado tinha sido sempre, porém, insatisfatório. Mas com o desbravamento do interior pelos bandeirantes surgiram os primeiros descobrimentos de ouro. A notícia atraiu imensa gente e estabeleceram-se arraiais de mineração. A região aurífera compreendia os actuais estados de Minas Gerais, de Mato Grosso e de Goiás, revelando-se pouco mais tarde jazidas diamantíferas no primeiro destes. A produção cresceu rapidamente até por volta de 1760 e depois declinou, pois a exploração foi sobretudo de ouro de aluvião, pois não havia nem aparelhamento nem pessoal para o trabalho de galerias subterrâneas. Mesmo assim foi importante o ouro recolhido durante o período colonial, avaliado em 200 milhões de libras esterlinas. A coroa portuguesa beneficiou largamente dessas descobertas, cobrando o «quinto» do ouro produzido e, mais tarde, também do diamante. À Intendência das Minas e à Intendência dos Diamantes, directamente subordinadas ao rei e com poderes especiais e de extremo rigor, estavam afectas tais cobranças e a fiscalização da produção e comércio dos produtos. Embora o ouro e o diamante pouco aproveitassem directamente ao Brasil, o ciclo de sua mineração concorreu para o povoamento do interior e o desenvolvimento de vastas áreas até então virgens.» (J. A. Gonsalves de Melo Neto).

Afinal «o império marítimo português» (C. R. Boxer) trouxe para a zona mineira um trabalhador já experimentado nos engenhos de

açúcar e deu à exploração mineira pelo Negro um cariz que, no México e no Peru, ela não teve, pois estava quase exclusivamente na mão dos índios. Daí o carácter Mulato do Brasil tradicional, canavieiro ou aurífero e diamantino e, para a grande nação da América do Sul, um predomínio negro que só existe nas colónias espanholas das Ilhas Caraíbas. Algo de uma evolução de tipo angolano, que os últimos tempos acabaram por desmentir. Diferença mais que é preciso sublinhar.

REVOLTAS LOCAIS BRASILEIRAS

O sentimento nativista floresce na poesia satírica (por vezes desbocada) do Bahiano Gregorio de Matos, durante o período da dominação holandesa do Nordeste. Discutindo uma vez os desígnios de Maurício de Nassau e o que teria sido um Brasil holandês com um amigo pernambucano, ocorreu-me mostrar como era ilegítimo o método conjectural em História e como era fácil afinal comparar um Brasil de raiz portuguesa com a colónia da Guiana holandesa (hoje Surinam) que tinha uma fronteira com o velho Brasil ! Já os poetas companheiros de Dirceu (Tomás António Gonzaga) e, como ele, perseguidos pela Inconfidência Mineira, cultivam musas dentro da mais pura e ortodoxa raiz poética europeia.

Creio que o governo central viu bem, combatendo sentimentos de rebeldia que teriam levado o Brasil a um desmembramento «ibérico» mas não à grande nação que o rei de Portugal, o imperador seu filho e o grande ministro José Bonifácio acabaram por construir. Se não vejamos. A Guerra dos Emboabas (1708-1709) é a revolta dos bandeirantes paulistas contra o que a coroa tomava das suas explorações mineiras. A Guerra dos Mascates (1710-1714) opõe senhores de engenho, filhos dos restauradores de Pernambuco, a negociantes pela maioria portugueses. A Inconfidência Mineira (1789) gera-se numa medida fiscal mas distingue-se por nela participar a «inteligência» da região mais rica do país, fortemente influenciada por ideias «estrangeiradas». O Tira Dentes (e mais doze acusados) é o símbolo de uma revolta que apenas se propunha proclamar a República de Minas Gerais. Em 1817 eclodiu a revolução republicana de Pernambuco que... se propunha substituir o pão e o vinho pela farinha de man-

dioca e pela cachaça, produtos locais e não de importação: uma vez mais se proclama uma República Pernambucana. D. João VI debelou-a com o bloqueio naval do Recife e uma repressão implacável.

A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, DOM DA COROA PORTUGUESA

Em 1808 fixou-se o regente e o Brasil caminha, com decisão e firmeza dos seus governantes, de «reino unido» a nação dotada das principais instituições autónomas: Banco do Brasil, revogação do alvará que proibia a existência de fábricas e indústrias, cursos de Medicina, Comércio e Belas Artes, Impressão Régia, Jardim Botânico; publica-se a *Gazeta do Rio de Janeiro* em 1808; ocupa-se, depois de declaração da guerra, a Guiana Francesa e incorpora-se no território nacional a Província Cisplatina. D. João VI vai-se deixando ficar no Brasil até que a revolta liberal do Porto (1820) e a proclamação de uma constituição fixaram ao rei o regresso (1821), deixando seu filho como regente. Sabe-se como este foi tomando atitudes que o levam à independência e à proclamação de imperador (1822). Com o reconhecimento da independência pelas Cortes (1825) as últimas tropas fiéis abandonam a Bahia, donde o próprio D. Pedro resolve expulsá-las. A lição a tirar destes acontecimentos é clara. O governo brasileiro lutou pela unidade do país, pela sua vastidão territorial e por um sentimento de patriotismo «americano», que não animou, da Guerra dos Emboabas à última resistência bahiana, nenhum chefe político ou militar. D. João VI deu ao Brasil as raízes da sua independência, seu filho colheu os frutos. Uma grande nação nascia assim de reis e de filhos de reis — nada nela recordará (a não ser revoltas sem consequência) uma América fragmentada. Por um paradoxo aparente, ao grande esfacelamento ibérico, consequência da história e do isolamento de vários futuros estados, corresponderá, do outro lado do Atlântico, a unidade lusitana.

OS PORTUGUESES NO BRASIL

Uma espécie de sistema hidrográfico estabelecido por interflúvios rebaixados, do Orenoco ao Rio da Prata, capaz de facilitar a navegação mas cortado por áreas hostis ao povoamento (Mato Grosso, Pantanal), fixa os confins do Brasil e dos países da América Espanhola.

Disse Herculano que, com a independência, o Brasil se tornaria a maior colónia de Portugal : ele receberá três quartas partes da emigração, dirigida para o Rio e São Paulo. Os contingentes baixaram muito depois de 1930, mas o Rio é ainda a segunda cidade portuguesa. Trabalhando duro, sem se envergonhar na terra alheia do que não gostaria de fazer na sua, encontram-se Portugueses desde os estratos sociais mais humildes, revolvedores de lixo e apanhadores de garrafas, até umas quantas grandes famílias de representação social, chegando alguns a negociantes opulentos (negócios sérios e negócios sírios, como não é raro ouvir dizer, chamando de Turco e Mascate o que começa por vendedor ambulante e acaba comerciante estabelecido e próspero); Sousa Cruz foi o principal fabricante de tabaco e, antes de passar o negócio, uma das figuras mais opulentas e mais sólidas da praça; os Irmãos Sousa Baptista possuíam a maior casa de tapetes e tapeçarias, num dos lugares centrais e mais elegantes do Largo da Carioca. A Rua do Ouvidor é uma espécie de rua do Ouro, pelas lojas e pela clientela, onde a elegância evoca a mais requintada freguesia portuguesa. Muitos Portugueses vieram de pé descalço (há-os até que fazem gosto nisso), descarregando barcos e chegaram a *grão-fino*, a quem não era indiferente um título de comendador ou de visconde papalino.

O Português começa, como o Sírio que lhe sucederá, por pequeno comerciante. Na feira os homens compram pouco, vendem menos, e as *quitadeiras* trazem um minúsculo produto, que se vende e dá lugar ainda à actividade mais importante da conversa, da novidade, dos casos do dia, da família, dos conhecidos, vizinhos de aldeia e de terras próximas. Este carácter «africano» foi por certo o que mantiveram inúmeras feiras no Brasil e o mercado, que é apanágio de tantas vilas e cidades fundadas adrede, procura esse rudimento de troca, donde resultaram algumas feiras de grande dimensão e modestos negócios.

O colono português é considerado bom trabalhador, ordeiro, disciplinado, sempre pronto a abrir a bolsa e contribuir com o seu óbolo quando o peditório oficial ou semi-oficial lhe vem bater à porta. Alguns vieram de Angola e de Moçambique, apenas surpresos por não poderem utilizar a seu talante a mão-de-obra preta. Outros integram-se no ambiente mestiço, sendo raros os que arvoram proveniência branca. Muitos empresários tentaram fortuna no Brasil, depois da independência de Angola, e são geralmente louvados pelo

patriotismo, espírito de iniciativa e rasgo dos negócios. Trabalhando no duro, o Português emigrante é o reverso do que ficou na terra, para usufruir as regalias das greves, das «pontes» de feriados (se há um feriado na 3.^a não se trabalha na 2.^a e nos sábados não é bom falar, pois se tem este dia como de descanso). Há aqui um incontestável desejo de promoção social, sem que se tenha o trabalho como a sua base indispensável. A dura necessidade faz do emigrante um trabalhador *dur à la peine* enquanto a propaganda política de vários carizes multiplicou as reuniões e manifestações de ociosos; existe aqui um grave problema social que ninguém parece ter a coragem de resolver.

O Português no Brasil é tido como trabalhador, áspero ao ganho, desejoso de alcançar promoção social pelo único meio que a confere. Por isso é às vezes visto com maus olhos, competitivo perante a indolência, preferido pelas suas qualidades de esforço perante certo desleixo e deixar ir. É provável que o país tenha colocado no Brasil alguns «retornados» de iniciativa e, em compensação, se veja a braços com um número cada vez maior de arruaceiros. Os outros ajudaram a fazer um Brasil português, estes desmantelam a pátria, já de si tão carecida de «ordem e progresso». E assim vão os ventos da História...

Onde há raças «miscigenadas» existe, por força, o prestígio das estirpes puras. Parece-me relevante que, no Brasil, ninguém de responsabilidade venha impor um *status* marcado pela cor, o que não impedia, como se viu, um Negro de ocupar a parte mal cheirosa da casa. Apraz-me recordar dois amigos cordiais e companheiros de tertúlia, filólogos distintos, um condenado pela enfermidade e por isso redobrando o trabalho até onde as forças lhe permitiam, Serafim da Silva Neto (já lá vão tantos anos) e Antenor Nascentes, ambos ligados, na mais respeitosa admiração, à memória de Leite de Vasconcellos, meu mestre também e autor de trabalhos tão relevantes para o conhecimento do falar português como brasileiro: um era branco como qualquer europeu da melhor cepa, e ainda por cima abastado, o outro mestiço escuro e de origem humilde. É provável que em Antenor Nascentes, que só teve a vida fácil de professor devido ao seu muito saber e muito entusiasmo, alguma dificuldade decorresse da cor da pele. Foi afinal professor do mais notável colégio do Rio (Pedro II), onde se tem formado a elite branca de ambos os sexos e ninguém olhou mais para a cor deste menino que a desgraça tinha ferido privando-o cedo do pai e do pão. Quando teve de pedir ao

senhorio português adiamento do aluguer que ainda não tinha conseguido ganhar, este só lhe soube dizer de modo seco, brusco e afinal afectuoso: «Mas eu estou-lhe cobrando?!» E assim permitiu ao pequeno escuro e pobre amañhar a vida e pagar a casa da mãe e dos irmãos mais novos, logo que o duro trabalho lho permitiu. Esta circunstância só ele próprio ainda a lembrava... com evidente simpatia.

Não resisto a contar uma das minhas aventuras brasileiras. Convidado a fazer uma conferência em Aracaju, capital de Sergipe e sede de incipiente universidade, numa sala com mais de duzentas pessoas quando esperava a meia dúzia de figuras solenes e sonolentas, aceitei improvisar uma excursão, perante aspectos físicos, humanos e regionais que a paisagem, a reflexão e o inquérito nos fossem relevando. Muito de propósito nos metemos à aventura, seguidos atentamente por um grupo de moças vivas, interessadas e nada convencionais na linguagem. Perante os meus comentários, uma não teve em si que não dissesse: «Puxa. E ainda dizem que o Português é burro!» Um excelente colega e amigo carioca (Nilo Bernardes), especial apreciador do sal destas histórias, considerou que era sem dúvida a melhor anedota de Português que tinha ouvido!

O Português é geralmente tido como sujo, burro, implacável no êxito, embora geralmente escrupuloso na maneira de o conseguir. O teatro popular do Rio mete a ridículo o emigrante português, o seu sotaque engraçado e nem sempre compreensível, a cupidez e o pouco uso do banheiro. O Brasileiro trata de *Gringo* o estrangeiro (parece que inicialmente o Norte-americano) mas distingue o *Portuga* da gente de outras nações. As anedotas que reciprocamente contam uns dos outros são afinal uma espécie de maliciosas histórias de família. Se muitas vezes surpreendeu os meus auditores brasileiros tratar na língua comum temas de nível internacional, sempre a minha qualidade de Português me reservou um acolhimento franco, cordial e simples. E entre os Brasileiros conto alguns dos colegas e amigos que mais estimo e aprecio: a eles devo muito nesta tentativa de compreensão da grande pátria irmã.